



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

DEUZILÉIA MACIAL DOS SANTOS

**OS IMPACTOS DA CRIAÇÃO DA BR-156 PARA OS GALIBI MARWORNO
DA ALDEIA TUKAY**

OIAPOQUE-AP

2019

DEUZILÉIA MACIAL DOS SANTOS

**OS IMPACTOS DA CRIAÇÃO DA BR-156 PARA OS GALIBI MARWORNO
DA ALDEIA TUKAY**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito final para a obtenção do grau de licenciatura Plena em Geografia, pela Universidade Federal do Amapá, sob a orientação do professor: Me. Adriano Michel Helfenstein

OIAPOQUE-AP

2019

DEUZILÉIA MACIAL DOS SANTOS

**OS IMPACTOS DA CRIAÇÃO DA BR-156 PARA OS GALIBI MARWORNO
DA ALDEIA TUKAY**

AVALIADORES

Prof. Dr. Adriano Michel Helfenstein (Orientador)
Curso de Licenciatura em Geografia - UNIFAP

Prof^a. Dra. Solange Rodrigues da Silva
Curso de Licenciatura Intercultural Indígena- UNIFAP

Prof^a. Me. Silvana Costa Santa Rosa
Curso de Licenciatura Intercultural Indígena- UNIFAP

Avaliado em: __/__/__

OIAPOQUE-AP

2019

Dedico este trabalho de TCC aos meus pais que sempre torceram para que eu termine este curso, desde o início dessa jornada até o fim. Não foi fácil chegar até o final, tive muitas dificuldades durante essa caminhada, acertos e erros, alegrias e tristezas, mais os meus pais sempre me deram forças me incentivando a não desistir. Não posso esquecer-me do meu irmão Rayckard Macial dos Santos que esteve ao meu lado durante esses quatro anos da minha formação, que não mediu esforços em me ajudar cuidando do meu filho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças de percorrer certos obstáculos que encontrei pelo caminho para concluir este trabalho. Seria impossível não agradecer pessoas que me ajudaram a chegar a concluir até o fim esse período de construção desta pesquisa, não seria justo deixar de mencionar algumas pessoas fundamentais durante a elaboração da mesma.

Por isso, agradeço a minha família que sempre me incentivou de todas as maneiras a chegar até o final do meu curso e concluir meu trabalho. Meus agradecimentos a todos os professores do curso de geografia, com os quais eu aprendi a base de tudo para minha formação durante esses quatro anos.

Agradeço também as pessoas da aldeia tukay que me ajudaram com as entrevistas para minha pesquisa: o professor Izarde Charles dos Santos, ex-cacique Roberto Monteiro, o agente indígena de saúde Daniel de Castro Pastana, acadêmico Hosandinho Charles dos Santos e outras pessoas da comunidade que contribuiu para a realização deste estudo.

As minhas amigas que sempre me deram forças nas dificuldades, em especial Thais Martins Paiva pelo seu companheirismo durante a construção desse trabalho, Luana que também sempre me ajudou quando precisei durante esses quatro anos da faculdade e Domingos Santa Rosa que me ajudou com informações e entrevista para minha pesquisa e também o ex-cacique Emiliano Gabriel que contribuiu muito com informações sobre a formação da aldeia tukay que foi fundamental para a construção deste trabalho.

Por último agradeço o meu orientador professor Adriano Michel Helfenstein que me ajudou muito para a construção deste trabalho.

EPÍGRAFE

A maior tristeza que a gente sente, eu tenho para mim, é se tiver uma invasão aqui, e nós perdermos a nossa reserva. Porque nós estamos aqui, vivemos numa liberdade, temos a terra, temos madeira, temos a caça, temos o peixe, temos toda liberdade, a gente vive do jeito que quer viver.

Manoel Floriano Maciel

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo central, analisar os impactos da criação da BR-156 para os Galibi Marworno da aldeia Tukay. A aldeia indígena Tukay está localizada no km 92 na margem direita da BR-156, na terra indígena Uaçá no município de Oiapoque no estado do Amapá. Os Galibi Marworno, possuem como principais atividades de subsistência a produção da farinha de mandioca, a caça, pesca, e frutos tirados da natureza. O texto foi construído de forma a apresentar a trajetória da construção da aldeia tukay no contexto da construção da rodovia BR 156 que liga o município de Oiapoque a capital do estado Macapá. Na análise realizada foi possível constatar os que os problemas enfrentados pelos moradores da aldeia, perpassam sobretudo, pela necessidade de que se efetive a realocação das aldeias indígenas impactadas pela rodovia, conforme previsto no acordo firmado entre o poder público e lideranças indígenas. É importante destacar, que mesmo diante dos problemas e desafios existentes, os indígenas não se opõem a pavimentação da BR156, pois também enxergam que essa ação vai beneficiá-los de alguma forma. Porém, identificamos a necessidade de maior diálogo por parte do poder público, para que os impactos causados pela construção e pavimentação da rodovia, nos afete o menos possível.

Palavras-chave: Aldeia Indígena Tukay, Impactos, BR-156, Galibi Marworno.

RESUMO

The objective of this study was to analyze the impacts of the creation of the BR-156 for the Galibi Marworno of Tukay village. The Tukay indigenous village is located at km 92 on the right bank of BR-156, in the Uaçá indigenous land in the municipality of Oiapoque in the state of Amapá. The Galibi Marworno, have as main subsistence activities the production of cassava flour, hunting, fishing, and fruits taken from nature. The text was constructed in order to present the trajectory of the construction of the tukay village in the context of the construction of the highway BR 156 that connects the municipality of Oiapoque to the capital of the Macapá state. In the analysis carried out, it was possible to verify that the problems faced by the villagers are mainly due to the need to reallocate the indigenous villages impacted by the highway, as foreseen in the agreement signed between the government and indigenous leaders. It is important to emphasize that even in the face of the existing problems and challenges, indigenous people do not oppose the paving of BR156, as they also see that this action will benefit them in some way. However, we identified the need for greater dialogue on the part of the public power, so that the impacts caused by the construction and paving of the highway, affect us as little as possible.

Keywords: Tukay indigenous village, Impacts, BR-156, Galibi Marworno

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de localização das terras Indígenas do Município de Oiapoque.....	14
Figura 2 – Mapa de localização da aldeia Kumarumã.....	16
Figura 3 – Foto da reunião interna dos Galibi Marworno na aldeia Flamã.....	19
Figura 4 – Foto da Assembleia Geral de Avaliação dos Povos Indígenas de Oiapoque.....	20
Figura 5 – Foto de roça de mandioca na aldeia Tuka.....	22
Figura 6 – Foto da poeira produzida pela passagem de veículos na BR-156 na aldeia Tukay.....	31
Figura 7 – Mapa de localização da aldeia Tukay.....	32
Figura 8 – Serviços públicos presentes na aldeia Tukay.....	33
Figura 9 – Foto da construção de igreja evangélica na aldeia Tukay	35
Figura 10 – Foto do rio Uaçá as margens da aldeia Tukay.....	36
Figura 11 – Mulher indígena indo para sua roça pela BR-156.....	37
Figura 12 – Foto da produção da farinha na aldeia Tukay.....	37
Figura 13 – Foto de um carbê onde uma família Galibi Marworno produz a farinha de mandioca na aldeia Tukay.....	38
Figura 14 – Sacas de açai para comercializar no município de Oiapoque.....	39

LISTA DE SIGLAS E ABERVIATURAS

AISAN - Agente Indígena de Saneamento

AIS – Agente Indígena de Saúde

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

GOGPEI (Comitê Gestor do Programa da BR-156)

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I: CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA: DA ALDEIA KUMARUMÃ À ALDEIA TUKAY.....	14
1.1. Quem somos nós os Galibi Marworno	14
CAPÍTULO 2 – A CONSTRUÇÃO DA BR- 156 E A CRIAÇÃO DA ALDEIA TUKAY.....	25
2.1. Organização socioespacial da aldeia Tukay.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

A aldeia indígena Tukay é uma aldeia do povo Galibi Marworno e está localizada próxima ao Rio Uaçá, na Terra Indígena Uaçá, no km 92 na margem direita da BR-156, que liga o município de Oiapoque a capital Macapá.

Os Galibi Marworno são índios descendentes de várias etnias indígenas, dentre os quais povos Caribe e Aruaque, provenientes das Guianas em épocas remotas, e as etnias Marworno e Aruá. Historicamente vivíamos em diversas ilhas esparsas situadas no rio Uaçá. Porém, com chegada e afirmação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), passamos a viver em uma única ilha, chamada em tempos passados de Santa Maria, nos dias atuais conhecida como aldeia Kumarumã (VIDAL, 2009).

A população de Kumarumã está localizada a margem esquerda do rio Uaçá, afluente do rio Oiapoque em uma região plana, e sobre uma ilha de terra firme, constituiu-se seu modo de vida e organização social. Ainda tem outras aldeias Galibi Marworno uma está situada na terra indígena Juminã e outras quatro ficam localizadas na BR-156.

Com construção da BR-156 na região, e conseqüentemente a intensificação do fluxo de pessoas, transporte e comunicação pela rodovia, os povos indígenas se viram obrigados a buscar estratégias de controle do seu território, dentre as quais, foram construíram aldeias as margens da rodovia BR 156, sendo que em quatro delas residem indígenas da etnia Galibi Marworno: Anawerá, Tukay, Samauma e Tuluhi.

Diante da complexidade que envolve esta temática, nesta pesquisa, estabelecemos como recorte de análise, os impactos da construção e pavimentação da rodovia BR 156, para os moradores da aldeia Tukay, na qual resido com minha família.

Para realização da pesquisa estabelecemos como procedimentos metodológicos a análise e revisão bibliográfica sobre o tema; coleta de dados quantitativos na Fundação Nacional do Índio (FUNAI); realização de trabalho de campo na aldeia Tukay através de entrevistas com os moradores da comunidade e com duas lideranças indígenas, Domingos Santa Rosa ex-coordenador do GOGPEI (Comitê Gestor do Programa da BR-156) e com o ex- cacique Emiliano Gabriel da aldeia Samaúma.

A partir das entrevistas realizadas, bem como dos dados coletados, estruturamos o texto em duas partes.

Na primeira parte deste trabalho abordamos a formação da etnia Galibi Marworno, a partir de informações já existente sobre a comunidade, no intuito de demonstrar o contexto em que se dá os impactos advindos da construção e pavimentação da BR 156 para os moradores da aldeia Tukay.

Na segunda parte destacamos o processo de construção da BR-156 e os motivos da criação da aldeia Tukay, e o desdobrar desta para o atual contexto de pavimentação da rodovia.

De maneira geral, nas reflexões realizadas no interior desta pesquisa, foi possível verificar que os problemas e preocupações resultantes inicialmente com a construção da rodovia permanecerem até dias atuais, com os impactos advindos das obras de pavimentação da BR 156. No entanto, os moradores da aldeia Tukay, continuam lutando por seus direitos, desenvolvendo saberes e fazeres próprios do seu modo de vida, mesmo diante do contato com outras racionalidades existentes.

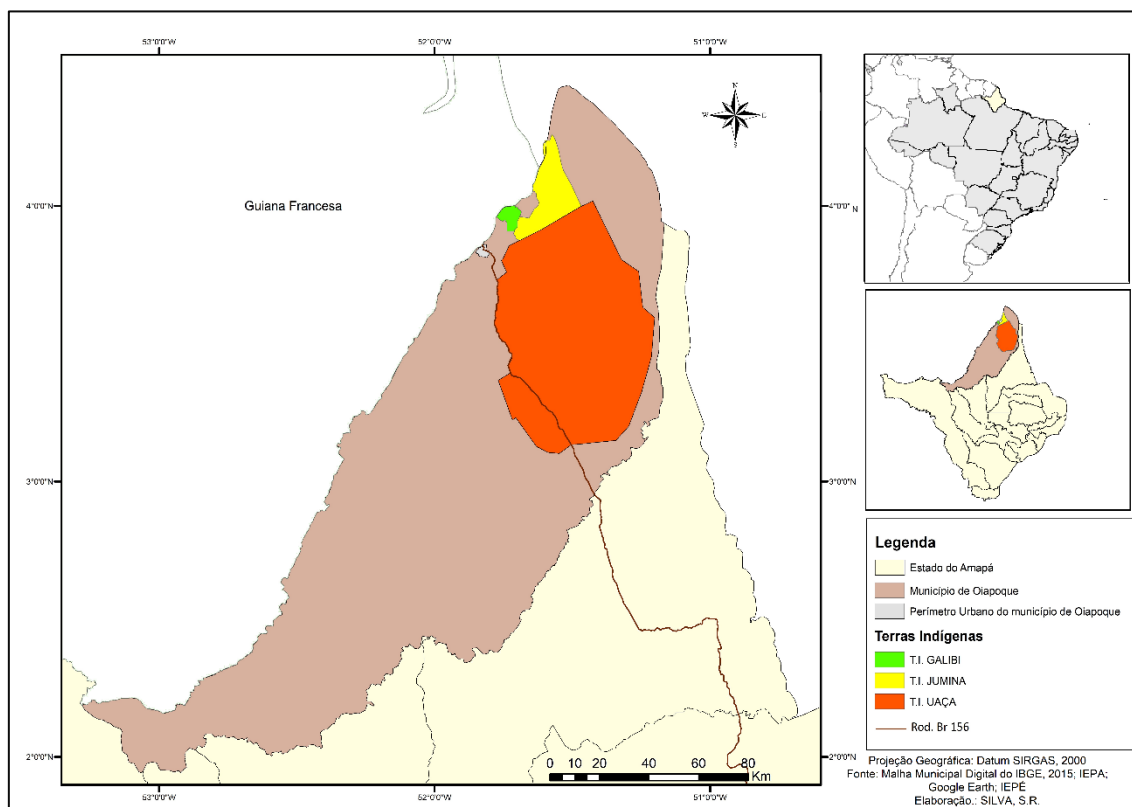
CAPÍTULO 1 – CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA: DA ALDEIA KUMARUMÃ À ALDEIA TUKAY

1.1. Quem somos nós os Galibi Marworno?

O município de Oiapoque localiza-se no estado do Amapá, região Norte do Brasil, e faz fronteira com o território ultramarino da Guiana Francesa. Estima-se que no ano de 2018, a população deste município é de 26.627 habitantes¹, sendo que destes, 5.954² são indígenas de quatro etnias: Karipuna, GalibiKali'na e Palikur e Galibi Marworno, a qual pertencem.

Vivemos em três Terras Indígenas demarcadas: TI Uaçá, TI Juminã e TI Galibi (figura 1).

Figura 1 – Mapa de localização das terras Indígenas do Município de Oiapoque



As Terras Indígenas estão localizadas ao norte do estado Amapá e fazem fronteira com a Guiana Francesa, em uma área de aproximadamente 518.454 hectares, demarcadas e homologadas. Parte desta área é cortada pela

¹ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: www.ibge.gov.br

² Dados concedidos pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em trabalho de campo realizado no ano de 2019.

BR-156, que liga a capital do estado do Amapá, Macapá, ao município de Oiapoque, estando atualmente nove comunidades da Terra Indígena Uaçá, atingidas diretamente pelas obras de pavimentação da Rodovia.

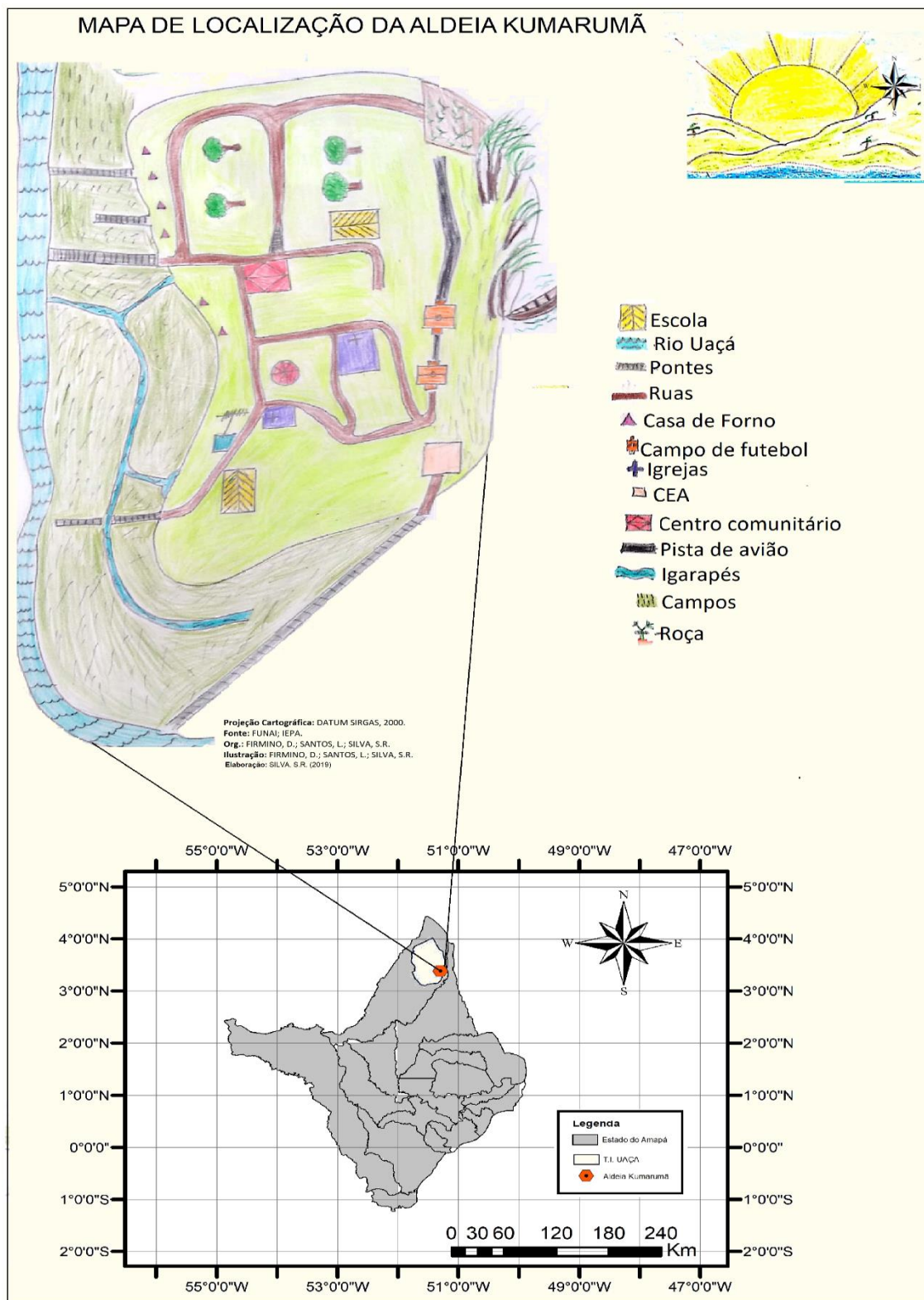
A região em que se localiza o município de Oiapoque é palco de contato de diversas finalidades entre povos indígenas e não indígenas desde o século XVI.

Sobre a história mais geral da região, cabe enfatizar que, no palco comum do Oiapoque, diversas etnias indígenas, pertencentes aos troncos linguísticos Aruak, Karib e Tupi, desde o século XVI conheceram o contato com os europeus, com suas diferentes nacionalidades e intenções: franceses, portugueses, holandeses, ingleses, membros de expedições missionárias, comerciais, armadas, científicas. Cada qual, entre nativos e estrangeiros, de acordo com as contingências e interesses próprios estabeleceram alianças, trocas ou fizeram guerras. Nesse processo, ao qual, nos séculos subsequentes, uniram-se populações negras refugiadas ou alforriadas, bem como grupos indígenas foragidos de perseguições, algumas etnias indígenas desapareceram, outras se fundiram ou foram incorporadas em grupos maiores, outras ainda se formaram, processos que geraram os atuais povos indígenas do Uaçá (TASSINARI, 2016, p. 68).

Nesse contexto de contatos variados surge o povo da etnia Galibi Marworno constituído pela fusão entre remanescente de vários grupos indígenas, principalmente Maraon e Aruã, Karipuna (falantes da língua geral derivada do Tupi) e os Galibi (falantes da língua geral derivada da galibi), além do contato com grupos não indígenas. (TASSINARI, 2016)

De acordo com as leituras ao longo do rio Uaçá as ilhas eram ocupadas por famílias que tinham seu modo de vida e organização própria, e uma alimentação dos produtos da roça, frutas e da pesca. Durante um período viveram espalhadas as margens do Uaçá em várias aldeias, mais tarde todas as famílias que estavam espalhadas se reuniram numa nova vila, chamada de Santa Maria dos Galibi, hoje chamada de Kumarumã (RICARDO, 1983). Ver mapa.

Figura 2 – Mapa de localização da aldeia Kumarumã



Fonte: Acervo pessoal de SILVA, S.R.

A aldeia Kumarumã da etnia Galibi Marworno está localizada a margem esquerda do rio Uaçá, uma região plana sobre uma ilha de terra firme a beira do rio, concentrada em uma única aldeia desde o período do Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Devido ao aumento da população, nos últimos anos, algumas famílias que residem na aldeia Kumarumã estão voltando a ocupar antigas ilhas ao longo do rio Uaçá. Próximo a aldeia Kumarumã, existem atualmente nove aldeias menores: Aruatu, Flamã, Manaú, Paraíko, Kaxiuahi, Magi, Paramuaká, Karibuen e Tukuiuin, todas fazem parte de Kumarumã.

Existem ainda, outras aldeias Galibi Marworno, uma localizada na Terra Indígena Juminã (aldeia Uahá) e outras quatro aldeias situadas na Terra Indígena Uaçá na BR-156. No km 102, está localizada a aldeia Anawerá que foi construída recentemente no limite da terra indígena para reforçar a fiscalização do território da terra indígena Uaçá. No km 83 está a aldeia Sumaúma, uma pequena aldeia aberta no km 23, Tuluhi, por último a aldeia Tukay no Km 92 construída na cabeceira do rio Uaçá, onde funcionava um posto de fiscalização da FUNAI).

De acordo com dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), no ano de 2019, nestas aldeias residem aproximadamente 2.117 indígenas (tabela 1).

Tabela 1 – Aldeias Indígenas do povo Galibi Marworno- FUNAI- 2019

Nome da Aldeia	Localização	População
Kumarumã	Terra Indígena Uaçá (Rio Uaçá)	1.749
Aruatu	Terra Indígena Uaçá (Rio Uaçá)	28
Flamã	Terra Indígena Uaçá (Rio Uaçá)	Sem informação
Manaú	Terra Indígena Uaçá (Rio Uaçá)	Sem informação
Paraíko	Terra Indígena Uaçá (Rio Uaçá)	Sem informação
Kaxiuahi	Terra Indígena Uaçá (Rio Uaçá)	Sem informação
Magi	Terra Indígena Uaçá (Rio Uaçá)	Sem informação
Paramuaká	Terra Indígena Uaçá (Rio Uaçá)	Sem informação
Karibuen	Terra Indígena Uaçá (Rio Uaçá)	Sem informação
Tukuiuin	Terra Indígena Uaçá (Rio Uaçá)	Sem informação
Anawerá	Terra Indígena Uaçá (BR 156)	23
Tukay	Terra Indígena Uaçá (BR 156)	117
Samauma	Terra Indígena Uaçá (BR 156)	82
Tuluhi	Terra Indígena Uaçá (BR 156)	16
Uahá	Terra Indígena Juminã (Rio Oiapoque)	102
Total		2.117

Fonte: FUNAI (20109)

A população Galibi Marworno atualmente tem como língua materna o Kheuol, oriundo dos constantes contatos desse povo com os franceses que colonizaram a região. A partir dos anos de 1980, começaram a ser realizados

estudos da variação do crioulo francês e construída uma ortografia do kreool, Karipuna e Galibi Marworno, e sistematizado a sua gramática. Sobre o processo de consolidação dessa língua como materna aos Galibi Marwono Vidal (2016, p.124) afirma:

Atualmente a população Galibi Marworno tem como língua materna uma variação do crioulo falado na Guiana Francesa. Esse idioma é utilizado como língua franca dos povos indígenas do Baixo Oiapoque, que reconhecem diferenças fonéticas entre aquele falado pelos Karipuna e o falado pelos Galibi Marworno. Esse crioulo “indígena” distingue-se do crioulo “negro” da Guiana Francesa em aspectos fonéticos e lexicas que ainda não foram suficientemente estudados. O crioulo passou a prevalecer entre os Galibi Marworno em detrimento de várias línguas faladas pelos seus antepassados. Nimuendaju, que esteve no Rio Uaçá em 1925, ali registrou mais de 100 palavras na língua galibi, uma dúzia na língua aruá, e apenas dois vocábulos em Maraon. Atualmente nos rituais xamânicos e no turé especialmente nos canto, se encontram palavras denominadas pelos índios de “galibi antigo”.

Entre os Galibi do Uaçá o modo de vida nas aldeias é bem estruturado, como os trabalhos coletivos das roças, onde os homens fazem seus *maiuhi* ou mutirões tradicionais de roçar e derrubar nos meses de agosto e setembro. Assim, quando as primeiras chuvas caem, as roças são plantados em grandes e animados *maiuhi*, como destaca Vidal (2016, p.127).

Os trabalhos coletivos nas roças obedecem ao sistema de “convidados”, os *maiuhi*, ou mutirões tradicionais, mas cada família vende sua produção individualmente no comércio de Oiapoque ou, às vezes, em Saint Georges (na margem francesa do rio Oiapoque), onde o preço é melhor, mas onde a venda é dificultada pelas leis francesas que controlam os produtos que passam a fronteira.

Também na vida comunitária fazem reuniões para discutir os assuntos importantes da comunidade com o cacique e conselheiros, e os trabalhos e decisões são realizados em conjunto por todos (ver figura 3).

Figura 3 – Foto da reunião interna dos Galibi Marworno na aldeia Flamã



Foto: Narciso, 2019.

Fonte: Trabalho de campo, 2019

Desde a primeira assembleia realizada na década de 1970, que os povos indígenas se reúnem para discutirem assuntos fundamentais relacionados sobre sua aldeia para melhoria de suas comunidades como pode ser reforçado a seguir:

Para discutir e resolver as questões internas, o cacique, vice cacique e conselheiros se reúnem com a comunidade após convocação. A cada ano e convocado uma assembleia “fechada”, hoje chamada de assembleia de avaliação, para discutir estratégias políticas, projetos econômicos e questões internas. Por outro lado, as assembleias gerais que se realizam a cada dois anos são mais abrangentes. Para estas, os índios convidam representantes do Governo, militares, técnicos da FUNASA e da Secretaria Estadual de Educação, pessoas ligadas a ONGs, além de índios de outras regiões (VIDAL, 2016. p. 134).

Além de tratar de assuntos sobre ações e atividades que são realizadas e desenvolvidas nas comunidades, também apontam assuntos que serão abordados e discutido na Assembleia de Avaliação Geral, na qual se reúnem com as demais etnias que compõe os povos indígenas do município de Oiapoque, como mostra a figura 4 abaixo.

Figura 4 – Foto da Assembleia Geral de Avaliação dos Povos Indígenas de Oiapoque



Foto: Santos, D.M. 2019
Fonte: trabalho de campo, 2019

Dentre as festas tradicionais dos Galibi Marworno, são realizadas festas chamânicas como o Turé, que é uma festa tradicional para agradecer aos Karuanãs pelas curas que eles proporcionam através dos pajés. Nas datas comemorativas realizam o Turé para fazer demonstração.

O grande turé é realizado no mês de outubro, quando a lua está cheia. É feito turé também como pequenas demonstrações em datas comemorativas, como o dia do índio (dezenove de abril) e o dia de Nossa Senhora (doze de outubro). A presença do pajé é fundamental para a realização do turé, pois é ele quem comanda tudo e é através de seus cantos que os Karuãna vão se apresentando. (ANDRADE, 2009, p.11)

Há também outras festas tradicionais que são celebrações inseridas pelo contato com não indígenas como, por exemplo, a festa da padroeira de Santa Maria que ocorre na aldeia de Kumarumã, que inicia no dia 5, 6 e 7 de agosto a primeira festa e a segunda festa começa dia 14, 15 e 16 do mesmo mês, os festeiros organizam o casarão e enfeitam.

No segundo dia da festa os festeiros preparam o almoço, geralmente matam um ou dois bois para visitantes e os moradores comer, onde todos se reúnem no casarão para o almoço no salão, nesses três dias de festa os moradores e os visitantes de outros lugares que vieram para participar da festa,

bebem e dançam a noite toda até amanhecer, as músicas que tocam na festa são vários tipos como melody, lambada e outros. Comemoram também a festa de São Benedito em dezembro. Porém, muitos indígenas não participam da celebração destas festas, devido à evangelização na aldeia, atualmente a maioria da população que reside na aldeia é evangélica, por isso hoje a padroeira da aldeia e outras festas não são mais comemoradas como antigamente.

Para sua sobrevivência, os Galibi Marworno, realizam diversas atividades de subsistências, que acontecem de acordo com as estações do ano, verão (seca) e inverno (chuva), conforme afirma a seguir:

As atividades de subsistência dos Galibi Marworno variam de acordo com as estações do ano: seca e chuvosa, a primeira entre julho e novembro e a segunda entre dezembro e junho. De acordo com a época do ano, ou com as necessidades mais imediatas, as atividades tem lugar no alto curso do rio (nas florestas percorridas para a caça e para a retirada de madeira, ou nas águas piscosas da região) ou no médio e baixo curso ("espaço" aberto das savanas, utilizado para o plantio nos tesos, em meio as terra alagáveis, bem como para a pesca) (VIDAL, 2016. p.127).

Os alimentos que as famílias da aldeia Tukay consomem, são provenientes do rio Uaçá e da floresta de onde o povo Galibi Marworno retiram os peixes, caças, pássaros, frutas, raízes, farinha e tapioca. A atividade da pesca caça, coletas de frutas, fabricação de artesanato e agricultura são as mais tradicionais entre o povo Galibi Marworno, porém a caça e a pesca são proibidas para fins comerciais, como aponta Vidal (2016, p. 127):

Obedecendo a normas de preservação ambiental, foi estabelecido em assembleia, na década de 80, que o peixe e a carne de caça não seriam vendidos fora da Terra Indígena. A pesca esta também sujeita a períodos de restrições para proteger a desova, especialmente do pirarucu, e a caça ao jacaré é proibida. Hoje eles fazem também o manejo com relação aos tracajás através do cuidado com os ovos, com as crias e a devolução dessas ao rio.

Nossa principal atividade comercial é oriunda da agricultura de subsistência com a venda do excedente da produção, principalmente da mandioca (ver figura 5), que é o alimento mais plantado na aldeia Tukay, e da qual se faz a farinha, que é comercializada em Oiapoque e São Jorge. Por meio

da venda da farinha, tapioca, tucupi e frutas, os indígenas compram outros produtos industrializados de que necessitam. (VIDAL, 2016)

Figura 5 – Foto de roça de mandioca na aldeia Tukay



Foto: Santos, D.M. 2018.

Fonte: Trabalho de campo, 2018

Além da comercialização da mandioca, outra atividade que vem se destacando na economia das comunidades Galibi Marworno é o artesanato, comercializado em São Jorge, ou na cidade de Oiapoque. Dentre os artesanatos produzidos estão brincos, pulseiras e colar de sementes e miçangas, plumagem, cocar de penas de pássaros e anel feitos do caroço de tucumã, tem também pulseiras e colar feitas do casco do tatu, escama de peixe, osso de cobra, caroço de tucumã e dentes de animais. Essa atividade é destacada por Vidal (2016, P. 128), como podemos verificar a seguir:

Vendem também artesanato, atualmente, em boa quantidade, diretamente ao consumidor ou através da loja do museu kuahí. Podemos dizer que antigamente, os artesanatos fabricados com matéria-prima animal, especialmente pena, ossos e dentes eram os preferidos, mais hoje a com proibição do uso dessas matérias-primas para o comércio, eles vendem mais colares de sementes e miçangas, cuias gravadas, escultura de animais arcos e flechas formado um kit ornamental.

Outro produto comercializado em Oiapoque e São Jorge, fonte de renda para várias famílias Galibi Marworno, é a canoa. A fabricação de canoas, é realizada pelos homens, é além da comercialização é utilizada como meio de transporte pela maioria das aldeias.

A fabricação de canoas, assim como a derrubada das árvores, é feita coletivamente através do sistema de “convidados”, nos períodos livres de tarefas agrícolas. A madeira é retirada na região das cabeceiras, do Uaçá e está ficando cada vez mais difícil o acesso a madeira adequada e o próprio transporte. (VIDAL, 2016, p.128)

Os Galibi Marworno ainda vivem no padrão tradicional: os homens depois do casamento vivem na casa do sogro com sua esposa durante 1 a 3 anos, tempo necessário para o casamento se fortalecer e construir sua casa para viver com sua família. São construídas as casas perto da residência do sogro, a relação entre sogro e genro é tranquila. Atualmente parte dos jovens preferem construir casas de alvenaria, assim acabam ressignificando o padrão tradicional das casas da aldeia (VIDAL, 2016).

Nosso povo também possui mitos e cosmologias por meio dos fatos históricos marcantes através da paisagem específica do Uaçá que são submetidas a uma interpretação dos rios, lagos, montanhas e formação geológicas estranhas, como por exemplo: o mito guerra entre os Galibi e Palikur, mito do xamã Uruçu que existia e mora na ilha bambu e o mito da cobra grande que está sempre presente na cosmologia dos Galibi Marworno (VIDAL, 2016).

A religião católica faz parte na vida dos indígenas por meio das práticas da cerimônia simbólica como: batismo, casamento e funeral. O batismo e o casamento são realizados quando o padre visita a aldeia. Já os ritos funerários são mais tradicionais, quando morre uma pessoa é velado em casa ou no casarão a noite toda, os indígenas cantam muitas músicas em patoá, bebem, comem e jogam dominó e cartas durante a noite. Nesse momento também que relembram e contam histórias e mitos do povo alegremente (VIDAL, 2016).

Os Galibi Marworno há muito tempo se deslocavam de sua aldeia com frequência para trabalhar temporariamente em Caiena, na Guiana Francesa onde trabalhavam nos serviços de construção civil, como garimpeiros, como carregadores ou em restaurantes, ficavam por lá por algum tempo, depois retornavam para aldeia.

Devido à fiscalização por parte das autoridades francesas, e também a dificuldade das mulheres se adaptarem a vida longe das aldeias, houve uma redução do número de indígenas que buscam trabalho em Caiena. Muitos indígenas Galibi Marworno moram na cidade de Oiapoque, outros em São Jorge e algumas famílias residem na aldeia manga com os Karipuna. A cada mês os indígenas como os aposentados, professores, técnicos de enfermagem, merendeira e outros serviços que são exercidos pelos próprios indígenas da comunidade vem até a cidade para receber o seu pagamento.

Dentre os principais problemas que temos vivenciado nos últimos anos está os impactos advindos da pavimentação da BR 156, o que ocasionou na necessidade de construção de algumas aldeias ao longo do trecho que corta a Terra Indígena Uaçá. Essa situação/condição se deu, sobretudo, pela necessidade de proteção do nosso território contra possíveis invasões de estranhos, à procura de madeira, animais e minérios. Dentre as aldeias indígenas localizadas ao longo da rodovia, quatro são de comunidades Galibi Marworno: Anawerá, Tukay, Samauma, Tuluhi. No capítulo que segue nos debruçaremos sobre o processo de construção da BR 156, e o desdobrar deste para as transformações na organização social dos moradores da aldeia Tukay, comunidade a qual pertencemos.

CAPÍTULO 2 – A CONSTRUÇÃO DA BR- 156 E A CRIAÇÃO DA ALDEIA TUKAY

A BR 156, principal meio de acesso do município de Oiapoque a capital do estado Macapá, é rodovia mais antiga em construção no país. Até o século XX a única forma de acessar esta porção do território era por meio do transporte marítimo. Como salientam Almeida e Rauber (2017, p. 481-482):

Os barcos menores vinham de Macapá enquanto os de maior porte saíam do porto de Santana, cidade vizinha à capital amapaense, como também de Belém para Oiapoque e vice-versa. Naquele período, apenas um trecho da então rodovia BR-156 existia e ligava Macapá à Calçoene, município vizinho de Oiapoque. O marco definitivo para a almejada “integração nacional” do Município de Oiapoque foi a década de 1950, que teve na extensão da rodovia BR-156 a interligação da fronteira norte do Território do Amapá à capital. A Comissão Rondon circulou pelo rio Oiapoque na década de 1920 e produziu inclusive um filme chamado “Parimã” em 1927, que retrata a região e a população local. Por sinal, a Comissão percebeu a importância da construção de uma estrada entre Oiapoque e as outras regiões brasileiras como afirmação territorial nacional.

A rodovia começou a ser construída oficialmente no ano de 1945 e até hoje não foi concluída. Ao versar sobre o ideário que permeou a proposta de implantação dessa rodovia (ROCHA; MENDES, 2017. p. 8) assevera que,

A construção do empreendimento foi pensada a partir do ideal de desenvolvimento urbano, pautada na ideia de integrar a região e povoá-la. Sobre esse aspecto, percebe-se que os impactos causados pela obra foram e são sentidos até os dias atuais, sendo motivo de diferentes conflitos e discussões entre os vários grupos que compõem a população amapaense, o que inclui os indígenas.

Com a construção da rodovia, as lideranças indígenas ficaram preocupadas com invasões de seus territórios, já que o traçado da estrada cortaria a região das cabeceiras dos rios ao longo da rodovia dentro da terra indígena. É nesse momento que iniciaram uma organização e se uniram para discutir as questões da passagem da estrada.

No período que corresponde à construção da rodovia se desenrolaram diferentes debates em torno das questões territoriais. Desde a década de 1970 os indígenas buscaram dialogar com o governo em um movimento que ora era conflituoso, ora pacífico. Suas exigências eram sempre pretendendo preservar suas terras, pois era iminente o perigo de perderem seus territórios por meio dos avanços

desenvolvimentistas que se aproximavam cada vez mais da região que habitavam (ROCHA; MENDES, 2017. P. 8).

Nesse sentido, no ano de 1980 foi firmado um Termo de Compromisso assinado por cinco lideranças indígena que são: Manoel Floriano Macial, Felizardo dos Santos Galibi Marworno, Raimundo Nonato dos Santos, Henrique dos Santos Karipuna e Paulo Horlando Palikur permitindo a passagem da estrada dentro da área indígena, esses cinco caciques representavam as etnias que estavam à frente das discussões e decisões sobre a passagem da rodovia.

Foi formada essa comunidade aqui por intermédio do que o governo queria que essa estrada passasse dentro da reserva indígena, então ele formou uma equipe de caciques para assinar um documento lá em Macapá pra poder nós liberar essa estrada pra cortar a reserva indígena, justamente um foi eu, um foi o Paulo Orlando Palikur, outro foi Henrique dos Santos, Felizardo dos Santos que é Galibi Marworno o outro foi Raimundo Nonato Tãgaha Karipuna, fomos cinco caciques que assinou esse decreto pra passar essa estrada nessa reserva aí, foi em 1980. (Fala realizada por Manoel Floriano Macial no documentário Missão Amazônica, dirigido por Padre Patrício).

Por meio da assinatura do termo de compromisso, o então governador do Território Federal do Amapá Annibal Barcellos, indenizou os indígenas com algumas cláusulas, dentre as quais à construção de dois postos de vigilância que foram ocupados por indígenas como podemos observar a seguir:

Os dois postos de vigilância prometidos foram construídos e ocupados por dois fiscais indígenas contratados pelo governo do território, embora a localização do posto do Uaçá não corresponda as indicações dos índios (RICARDO, 1983. P.11).

Segundo o ex-cacique Emiliano Gabriel, no início, um dos postos de fiscalização foi construído no local chamado *Uehe*, que ficava muito longe do rio Uaçá, por causa disso os indígenas resolveram realocar o posto para o km 92 da BR-156, no local onde atualmente se encontra a aldeia Tukay, as margens do rio Uaçá.

Vieram várias pessoas entre Galibi Marworno, Palikur e Karipuna para construir o posto de fiscalização ali no Uehe próximo a Anawera, passaram uma semana trabalhando no posto de fiscalização, mais esse local era muito longe do rio, não tinha água perto, quem ficava ali era o finado Acimar com sua mulher e seus três filhos, mais ele não ficou por muito tempo nesse lugar porque passava muitas dificuldades, de lá ele com sua família foram para Macapá e não voltou mais. Logo escolheram o Macial para ser contratado como chefe de posto de fiscalização, devido à distância do rio resolveu realocar o posto de vigilância para o km 92, próximo ao rio Uaçá. Depois

levaram os materiais de construção para o local atual onde está aldeia tukay hoje, os indígenas fizeram a construção do posto, mais não terminaram e foram embora para suas aldeias. Nós voltamos para terminar a construção do posto no km 92, logo terminamos de construir a casa eu, Gentil Benamor, o finado Mudjik e o finado Seu Zé, também fizemos uma casa de apoio próximo a casa de posto (EMILIANO GABRIEL. Em ENTREVISTA CONCEDIDA NO 2019).

Assim, no ano de 1982 foram construídos dois postos de fiscalização na BR-156, em um deles foi lotado o cacique Macial, escolhido como chefe de posto para exercer a função de fiscalizar invasões dentro da área indígena. Dessa forma, Macial que morava na aldeia kumarumã, onde foi cacique, deixou a liderança para Felizardo e assumiu o posto de chefe de fiscalização da BR -156, onde passou a residir com sua família e outras seis que o acompanharam nessa missão.

No local onde o cacique Macial e sua família vieram morar, não existia nada construído ainda, passaram muitas dificuldades para se instalar. Com o passar do tempo, essas famílias que acompanharam Macial, foram morar em outros lugares. Já com a aldeia formada, conforme a estrutura da aldeia foi melhorando, várias famílias chegaram e outras deixaram a aldeia.

Os primeiros moradores que residiram na aldeia Tukay foram Gentil Benamor e sua família, Orlando e família, Ahesil com sua família, Tõ com sua família, Ana Lucia com seu marido e filhos, Carmindo e sua família, essas pessoas que moraram primeiro na aldeia Tukay. Nós fizemos nossa roça, mais não ajudei a plantar, o Gentil que plantou, porque tinha ido para Caiena, quando eu voltei de Caiena essas famílias que estavam morando no Tukay, fiquei três meses na aldeia com eles no terceiro ano da formação da aldeia Tukay, depois resolveram sair do Tukay, Gentil e sua família voltaram para o Kumarumã, Carmindo com sua esposa e filhos foram para a aldeia Manga e as demais também saíram, foram para o São Jorge e outros para o kumarumã, depois foram morar outras pessoas com suas famílias, uma dessas famílias são seus pais, finado Mûdjik com sua mulher e filhos. Seus pais estão até hoje na aldeia, os outros moradores que atualmente estão residindo na aldeia tukay vieram recentemente quando aldeia já estava formada (EMILIANO GABRIEL. EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO ANO DE 2019).

Uma das questões que envolvem a aldeia Tukay, diz respeito as obras de pavimentação da rodovia BR156, que atualmente ainda possui 106 km de trecho a ser asfaltado. As obras de pavimentação, fez com que a aldeia Tukay tenha que ser realocada para um local diferente do que a comunidade

determinou. Neste local deverá ser construída pelo governo outra estrutura de aldeia, já que a atual está muito próxima da estrada o que gera uma série de perigos e transtornos a comunidade que ali reside, como podemos observar nas reflexões do ex- cacique Roberto Monteiro:

Os problemas identificados na aldeia é a questão da saúde devido a quantidade de poeira todos os dias que recebemos passa os carros, da muita gripe principalmente nas crianças. Acredito que vai solucionar porque não vai ter mais poeira, com o asfalto também vai melhorar muito, vamos ter tudo novo, tudo pronto as casas, o posto de saúde, o casarão e a escola sem preocupação em construir ou reformar, como está sendo aqui onde estamos vivendo agora com preocupação de não poder construir nada (ROBERTO MONTEIRO. EX CACIQUE DA ALDEIA TUKAY. EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO ANO DE 2018)

Os problemas destacados por seu Roberto são reafirmados por Selma Maria Nunes, moradora da aldeia como pode constatar a seguir:

Os problemas são a poeira que dá muita gripe, tosse nas crianças essa gripe só vai passar quando chegar o inverno, enquanto isso as crianças só ficam com gripe o tempo todo durante o verão, quando as crianças vão para escola suas roupas ficam todo sujo, seus cadernos porque a escola fica perto da estrada e poeira direto, as casas ficam todo tempo sujo com a poeira no verão, a gente limpa nossa casa daqui a pouco tá sujo de novo. Se eu quiser quebrar minha casa para construir uma outra casa melhor, meu marido não vai poder, por causa da mudança do local da aldeia (SELMA MARIA NUNES CLARINDO. EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO ANO DE 2018).

Atualmente lideranças indígenas das três terras indígenas (Uaçá, Galibi e Juminã) do Município de Oiapoque, continuam as discussões para debater a questão da pavimentação da rodovia e realocação das aldeias. Diante desse fato no sentido de compensar os povos indígenas pelos impactos da obra no trecho que atravessa a terra indígena Uaçá, foram firmados acordos para construção de novas aldeias com novas estruturas para os indígenas e outros acordos também foram negociados com o governo, como afirmou a liderança Galibi Marworno Domingos Santa Rosa:

O que é o TAC? É (Termo de Ajustamento de Conduta), o TAC ele foi construído em 2011 quando as lideranças já não tinham mais argumentos para continuar argumentando com o governo, o governo todas as conversas que as lideranças teve com o governo ao longo dos anos até 2011 o governo não cumpriu, ele

prometia cumprir, prometia cumprir, aí os povos indígenas sempre cedia alguma coisa, mais chegou num momento que o governo não queria mais cumprir com os acordos, ele queria passar com a BR sem reconhecer os direitos dos povos indígenas, sem fazer o estudo étnico ecológico, sem compensação, sem construir novas aldeias sem dá nada de compensação para os povos indígenas pela passagem da BR-156, aí os povos indígenas chamaram o ministério publico e começaram a negociar a assinatura de um TAC, aí o Governo Estado veio numa grande reunião lá no Ahumã em 2011, aí a gente fez construir o TAC e foi assinado com algumas condicionantes, o governo tinha que financiar os gastos com o Comitê Gestor que era as reuniões do Comitê do Gestor e o acompanhamento do subcomitê gestor indígena, o acompanhamento desse grupo nas construções das pontes, nas construções das aldeias e na fiscalização da BR quando ia tratar do assunto da pavimentação da BR-156, então o governo tinha que patrocinar esses recursos. E dentro desse TAC tinham alguns pontos como: Garantir o transporte para o Comitê, prazos para iniciar e concluir a construção das novas aldeias e quando a obrar de asfaltamento chegasse 1 km da primeira aldeia no sentido Macapá/ Oiapoque tinha que paralisar se caso as aldeias não estivesse construída a gente paralisaria até construir as aldeias, teve vários outros acordos, mais os principais acordos foram esses aí no TAC. (DOMINGOS SANTA ROSA. ENTREVISTA CONCEDIDA EM JANEIRO, 2019)

Diante desses acordos com o governo e as lideranças indígenas, o governo não cumpriu o que ele prometeu dentro dos prazos desde 2011 até hoje, como podemos observar na fala do Domingos Santa Rosa a seguir:

Até hoje não foi cumprido, aí então quando os caciques virão que não estavam sendo cumprido, aí foram no ministério público e foi judicializado esse TAC, aí o ministério público entrou com processo contra o estado, o ministério público determinou que o estado pagasse uma multa por não ter cumprido com os acordos firmados dentro do TAC, e até hoje esse TAC está na justiça e tem uma multa muito alta para o governador pagar, para o secretario de transporte pagar e até hoje nada disso foi pra frente, não pagaram nada e está paralisado e o TAC está na justiça ainda, como está previsto para iniciar o trabalho esse ano a partir de março os povos indígenas já estão mobilizando a reunião do Comitê Gestor para voltar a discutir novamente essas questões do termo de ajustamento de conduta que está judicializado e vê o que o ministério público vai falar em relação a isso daqui pra frente (DOMINGOS SANTA ROSA. ENTREVISTA CONCEDIDA EM JANEIRO, 2019)

Tais discussões entre os indígenas têm sinalizado para as transformações decorrentes do possível asfaltamento da BR156, assim, podem ser elencados aspectos positivos e negativos para a comunidade Tukay e para as outras aldeias também. Um dos aspectos positivos está no fato de que as

obras facilitarão o transporte de pessoas e mercadorias, já que durante inverno muitos atoleiros se formam ao longo da estrada dificultando o acesso para chegar até o Município de Oiapoque. Dessa forma,

O asfaltamento tornará o acesso a Oiapoque muito mais rápida, facilitando as trocas comerciais. Por outro lado, a maior velocidade em que os veículos trafegarão na rodovia poderão colocar em risco os indígenas que nela circulam. Ressalta-se que a estrada se constitui na principal via de acesso das roças destas aldeias (ZSTUTMAN, 2001. p. 66).

Além disso, essas obras poderão trazer prejuízos ambientais no decorrer do asfaltamento para os moradores da aldeia Tukay, assim como, para as demais comunidades que residem próxima à rodovia.

O asfaltamento da BR-156 também pode trazer alguns problemas ambientais. Caso não seja feito um bom trabalho cuidadoso, é possível que ocorra assoreamento, mesmo que parcial, de inúmeros igarapés que atravessam a estrada. Esse fato poderia agravar ainda mais a disponibilidade de alimentos na região, através da diminuição do já escasso de pescado local. Ainda neste sentido, uma estrada que permita alta velocidade aos veículos produz o efeito de afugentar os animais, através do barulho, além de aumentar consideravelmente o número de animais atropelados, diminuindo, assim a disponibilidade da caça (ZSTUTMAN, 2001. p. 66 - 67).

Do ponto de vista da aldeia Tukay, outros problemas que podem ser sanados com o asfaltamento da BR156 são a diminuição do tempo de viagem até o município de Oiapoque, além da redução da existência da poeira (figura 6), devido o fluxo de carro e que acarretam em doenças respiratórias.

Figura 6 – Foto da poeira produzida pela passagem de veículos na BR-156 na aldeia Tukay



Foto: Santos, D.M. 2019.

Fonte: Trabalho de campo, 2019

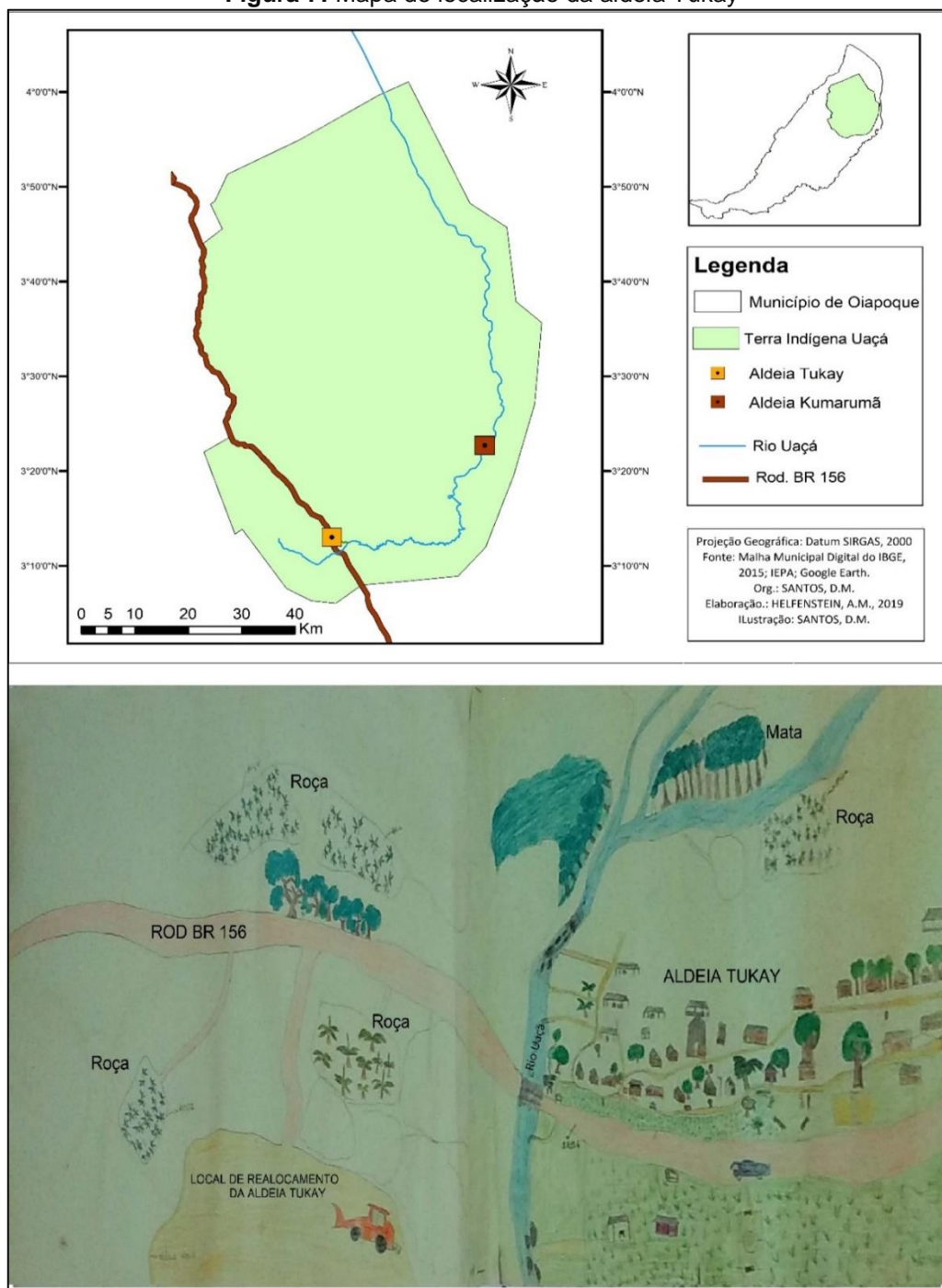
Há também uma preocupação com o aumento de pessoas que perturbam os moradores que estão mais próximos a rodovia, tirando foto sem permissão dos mesmo e até mesmo a tentativa de aliciamento de jovens por pessoas estranhas que transitam pela rodovia.

Apesar de tantos problemas criados desde o início da construção da BR156 aos povos indígenas da Terra Uaçá e respectivamente aos moradores da aldeia Tukay, os Galibi Marworno e as demais etnias continuam enfrentando dificuldades para que seus direitos sejam respeitados, fato visto na demora para início e conclusão das obras de compensação indispensáveis para garantir melhoria nas condições de vida dessas comunidades

2.1. Organização socioespacial da aldeia Tukay

Os Galibi Marworno da aldeia Tukay localizam-se as margens do rio Uaçá, no km 92 da BR-156, Terra Indígena Uaçá no Município de Oiapoque (figura 7).

Figura 7: Mapa de localização da aldeia Tukay



O padrão da distribuição das casas das vinte e quatro famílias que residem na aldeia obedece a uma sequência retilínea, quase todas são feitas de madeira, a maioria tem formato retangular, e as casa possuem padrão de divisão composto basicamente por sala, quarto e cozinha.

A aldeia possui escola de Ensino Infantil e Ensino Fundamental de 1ºano ao 9ºano, posto de saúde, igreja, água encanada, energia proveniente de um motor movido a óleo diesel e funciona das 06h00min às 10h30min horas telefone público e internet como demonstra a figura 8 a seguir:

Figura 8- Serviços públicos presentes na aldeia Tukay

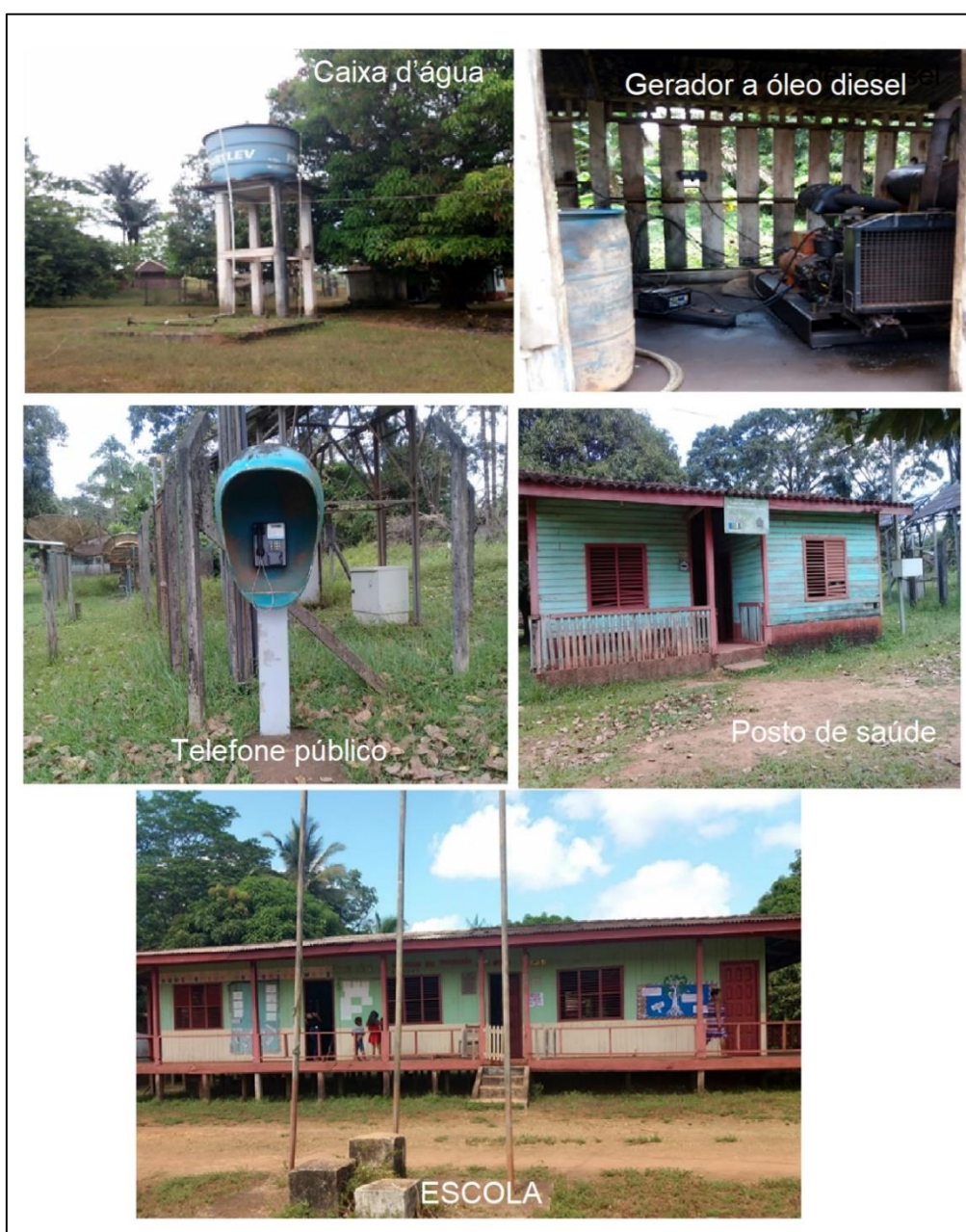


Foto: Santos, D.M. 2019.

Fonte: Trabalho de campo, 2019

Alguns indígenas da aldeia Tukay que estudaram e conseguiram formação acadêmica trabalham na escola da aldeia, portanto, hoje há professores indígenas da própria comunidade, pedagoga, diretor, servente e merendeira que se dedicam a essas atividades trabalhando na Escola Indígena Estadual João Batista Macial para sustentar sua família. Há ainda aqueles que trabalham como AISAN (Agente Indígena de Saneamento), AIS (Agente Indígena de Saúde) além de aposentados que significam uma fonte de renda importante para o sustento de suas famílias.

Na aldeia Tukay os indígenas possuem antena parabólica, geladeira, televisão, freezer e outros. Hoje, a tecnologia está presente na vida dos moradores, principalmente por meio da internet.

Com essas transformações na aldeia os indígenas têm uma visão de obter outras coisas, assim trabalham muito na produção da farinha de mandioca para vender que é a renda econômica da maioria das famílias da aldeia.

Porém, mesmo com a venda do excedente para obtenção de produtos industrializados, os serviços coletivos não deixaram de ser realizados pelos moradores da comunidade. Os indígenas da aldeia sempre trabalham em conjuntos sobre as atividades realizadas na comunidade, apesar dos problemas que o povo vem enfrentando nos dias atuais, mais continuam mantendo sua cultura, diante das influências no seu modo de vida no dia -a - dia.

A limpeza da aldeia, onde todos os homens e rapazes se reúnem para fazer a limpeza durante o dia todo e, também todos participam dos serviços da comunidade referente o posto de saúde, o casarão, a maloca, alojamento dos professores e a igreja quando necessitam de construção ou reforma (figura 9), toda a comunidade se reúne para trabalhar juntos, o que demonstra a permanência do trabalho coletivo, característico dos povos indígenas da região.

Figura 9 – Foto da construção de igreja evangélica na aldeia Tukay



Foto: Santos, D.M. 2019.

Fonte: Trabalho de campo, 2019

O trabalho dos moradores da aldeia com os serviços das roças, derrubada, roçagem, plantio e a capina são organizados por cada família. E o dono da roça traz seu convidado ou maiuhi tradicional trabalhando sempre em conjunto,

Todo processo de abertura, e limpeza das roças é, geralmente, realizado através do sistema de convidados (mutirões), onde grupos familiares se reúnem para o trabalho. Embora essas atividades sejam realizadas em coletivos, os produtos gerados pelas roças pertencem unicamente a seu dono (SZTUTMAN, 2001. p.39).

Vale destacar que a limpeza das roças é feita pelas mulheres. Elas trazem seus convidados para limpar sua roça e depois ficam responsáveis por ajudar aqueles que capinaram sua roça.

Para acessar as roças elas utilizam a estrada e o rio, já que se localizam nas áreas mais altas da aldeia como forma de evitar que sejam cobertas pela água dos rios que aumentam consideravelmente no inverno. Os rios e igarapés são fundamentais para os habitantes da comunidade, pois é através do rio que podem praticar a atividade da pesca, tomar banho e lavar roupa (ver figura 10)

Figura 10 – Foto do rio Uaçá as margens da aldeia Tukay



Foto: Santos, D.M. 2019.

Fonte: Trabalho de campo, 2019

A rodovia BR156 (figura 11), também possui um destaque muito importante na vida dos indígenas da aldeia Tukay, pois é por meio dela que chegam as suas roças, que vão caçar e que vão pescar nos lagos na vida cotidiana.

As aves os mamíferos são as mais consumidas pelos moradores, os homens caçam nos locais como os igarapés nos entornos da estrada. A pesca somente homens e as crianças que pescam, os peixes que consomem são o trairão, surubim, aracu, acara, utilizam o caniço, a zagaia e linha de mão para pegar esses peixes, os homens vão em de busca de caça tanto a noite como de dia.

Dentre os alimentos que nós comemos está a macaxeira, batata doce, cará, plantados na roça. Também todos esses produtos existem na feira e são comercializados para população de Oiapoque.

Figura 11 – Mulher indígena indo para sua roça pela BR-156



Foto: Santos, D.M. 2019.
Fonte: Trabalho de campo, 2019

Os Galibi Marworno da aldeia Tukay tem como principal atividade a agricultura de subsistência, principalmente a fabricação da farinha de mandioca que é a fonte de renda da maioria dos moradores na aldeia (ver figura 12).

Figura 12 – Foto da produção da farinha na aldeia Tukay



Foto: Santos, D.M. 2018.
Fonte: Trabalho de campo, 2018

Cada família produz e vende sua farinha individualmente na cidade de Oiapoque ou em São Jorge. Após ser tirada da roça, a mandioca, é levada até o carbê, onde são preparadas diversas etapas da produção da farinha (ver figura 13).

Figura 13 – Foto de um carbê onde uma família Galibi Marworno produz a farinha de mandioca na aldeia Tukay



Foto: Santos, D.M. 2018.
Fonte: Trabalho de campo, 2018

Existe também a produção através da massa da mandioca a farinha de tapioca, do tucupi e da goma para comercializar. Os carbês geralmente ficam próximos ao rio, onde a mandioca é lavada e colocada no carbê para ser raspado, ralado e depois torrada a massa da mandioca a fim de facilitar o serviço da produção da farinha e outros derivados.

Nos meses de março, abril e maio, o fruto da palmeira do açaí, passa ser uma alimentação importante para os moradores da aldeia, e serve como fonte de renda para algumas famílias, que levam para vender em Oiapoque ao custo de cinquenta reais à saca do açaí (figura14), ou a trinta e cinco quando retirado na aldeia.

Figura 14 – Sacas de açai para comercializar no município de Oiapoque



Foto: Santos, D.M. 2018.

Fonte: Trabalho de campo, 2019

Antigamente os moradores produziam apenas para o seu consumo dentro de casa, porque não tinham muito contato com a cidade e também não se preocupavam com moveis e outras coisas. Mais com o passar do tempo, começaram a ter mais contato com a cidade, e passaram a adquirir bens materiais.

Cada família leva seus produtos para vender em Oiapoque, geralmente vendem no Mercado Central do município de Oiapoque, outras famílias levam para comercializar em São Jorge depois voltam para Oiapoque para comprar outros produtos de que necessitam. Sobre o assunto Vidal afirma que:

[...] os índios levam vendem a sua produção a comerciantes que eles conhecem, na maioria das vezes, na própria rua, no momento da chegada, no Mercado Central ou por encomenda. Além da farinha vendem tapioca, tucupi e frutas (VIDAL, 2016, P. 128).

Atualmente ocorre dificuldade no transporte para levar até Oiapoque os produtos da aldeia Tukay. Na falta de um transporte próprio adequado, os moradores da aldeia utilizam o serviço da empresa Amazontur, que possui uma rota de ônibus faz a linha Calçoene - Oiapoque três vezes por semana, com o custo da viagem ida e volta entorno de dezenove reais.

Porém o principal desafio da comunidade é resolver o problema da realocação da aldeia com a pavimentação da estrada, porque fica muito próxima a aldeia as margens BR-156. A aldeia passa por problemas tanto no inverno como no verão. Quando chega o verão os indígenas da aldeia Tukay sofrem com a poeira dia e noite com tanto carro que passa, quem sofre mais com isso são as crianças que ficam doentes.

Os problemas e desafios advindos da demora na realocação, foi destacado pelos moradores da aldeia, como um entrave a melhoria nos serviços essenciais os moradores.

As principais questões hoje na aldeia são a questão da poeira noite e dia, porque a aldeia fica muito próxima da rodovia e prejudica a saúde, já no inverno e a questão do acesso a cidade de Oiapoque devido a questão dos atoleiros, que demora muito a viagem tanto de ir à cidade como o retorno a aldeia. Devido a questão também do projeto da remoção da aldeia não podemos fazer uma boa casa, não podemos fazer ampliação, reforma ou construção da escola, casarão e posto de saúde. A preocupação com as crianças para não acontecer acidentes quando brincam devido ao aumento de fluxo de carro (IZARDE CHARLES DOS SANTOS. EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO ANO DE 2018). Um problema que vejo aqui na aldeia durante o verão é a poeira da gripe prejudicando muito nossa saúde, por causa é 24 horas a poeira. É um meio de atraso pra nós já faz tempo que falamos sobre essa mudança e até hoje ainda não foi mudado, traz atraso em nossa vida, devido que não podemos fazer nada, por exemplo, não podemos construir um posto de saúde, um centro comunitário o governo não vai fazer isso aqui na comunidade por causa dessa mudança, nada pode ser feita enquanto estiver nessa situação de remoção da aldeia (DANIEL DE CASTRO PASTANTA. EM ENTREVISTA PESSOAL EM OUTUBRO DE 2018).

A situação da realocação da comunidade já é utilizada pelo governo como forma de justificar a ausência ou não atendimento das demandas dos Galibi Marworno da aldeia Tukay. Outro problema a respeito da realocação da aldeia antes do asfaltamento é no sentido de que com a rodovia pavimentada, a circulação de pessoas nessa região aumentará significativamente, por esse

motivo os indígenas se sentem muito preocupados com seu território. Essa constatação podemos ver na fala do acadêmico e morador da aldeia,

Bom, comparando um pouco a questão do local da aldeia atual e do que está no novo projeto em alguns impactos a risco de atropelamento, de pessoas não indígenas fluentemente entrando na comunidade como assalto e entre outros, pelo fato da comunidade ser instalado na beira da rodovia. Não vai ser muito diferente quanto o local da nova comunidade mediante essas situações de riscos. Mas por outro lado a comunidade em geral passa a ter um pouco de segurança por não ser tão exposta a aldeia na beira da estrada. Então, dessa forma os moradores se sentirão mais seguros, até mesmo proporcionar liberdades das crianças de poderem brincar livremente. Assim os pais que atualmente vive se preocupando com os filhos por brincarem e atravessarem a estrada que fornece grande risco a essas crianças, já na nova aldeia não vai ser tão preocupante para eles nessa questão. Porque a aldeia já não vai ser tão exposta a estrada, já com um ramal de aproximadamente 200 metros da rodovia. Então a ideia da realocação da comunidade é justamente oferecer segurança a essa aldeia e outras comunidades ao longo da BR-156. Se isso não acontecer antes do asfaltamento dessa rodovia a tendência dos riscos e aumento dos fluxos de carros e de pessoas estrangeiras é maior. Sabemos que fazemos parte de uma fronteira, por isso, eu vejo que essa mudança da aldeia para esse local seria uma forma solucionar um pouco essas questões para os moradores da BR-156 (HOSANDINHO CHARLES DOS SANTOS. EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO ANO DE 2018).

É preciso deixar claro que os indígenas não se opõe a pavimentação da BR156, pois também enxergam que essa ação vai beneficiá-los de alguma forma, porém, os indígenas só querem que se faça um bom trabalho para evitar os problemas dos impactos ambientais do seu território e que se realizem as obras de realocação das aldeias conforme previsto no acordo firmado com o governo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quatros anos de graduação no curso de Licenciatura em Geografia, me permitiram viver muitas experiências. Finalizo essa trajetória com a elaboração do TCC, no qual me foi possibilitado refletir sobre a realidade em que vivem os Galibi Marworno da aldeia Tukay, comunidade da qual faço parte.

Na análise realizada nesta pesquisa, foi possível identificar que os principais problemas enfrentados pelos moradores da aldeia Tukay, advindos da criação e pavimentação da BR 156, resultam da demora do poder público em implementar as Ações de Compensação da Pavimentação da rodovia em questão. Dentre estas ações, ficou evidenciado nas entrevistas realizadas com moradores e lideranças indígenas, que um ponto primordial é a realocação da aldeia, já que as constantes obras de pavimentação, tem ocasionado problemas que a afetam principalmente a saúde das crianças, em especial durante o verão, período em que se intensificam os fluxos de carros na rodovia.

É importante destacar, que parte das modificações e transformações advindos da construção da rodovia, a exemplo da escola que funciona de 1º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental, internet e telefone público, são reconhecidas como melhorias que trouxeram benefícios para os moradores da aldeia.

Assim, mesmo reconhecendo que os problemas e preocupações resultantes inicialmente com a construção da rodovia permanecerem até dias atuais, com os impactos advindos das obras de pavimentação da BR 156, constatamos que os moradores da aldeia Tukay, continuam lutando por seus direitos, desenvolvendo saberes e fazeres próprios do seu modo de vida, mesmo diante do contato com outras racionalidades existentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Carina Santos; RAUBER, Alexandre Luiz. Oiapoque, aqui começa o Brasil: a fronteira em construção e os desafios do Desenvolvimento Regional. *Redes* - Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 1, janeiro-abril, 2017.

CIMI, Conselho Indigenista Missionária. **Povos Indígenas no Pará e Amapá**. Belém- PA: CIMI, 2002.

RICARDO, Carlos Augusto. **Povos indígenas no Brasil 3: Amapá/ Norte do Pará**. São Paulo: CEDI 1983.

ROCHA, Anderson Luís Azevedo da; MENDES, Danilo Caetano. **Associações indígenas e a BR-156: a luta pela preservação da terra indígena**. Macapá-AP, 2017. Disponível em: <http://www2.unifap.br>. Acesso 20/02/2019.

TOSTES, José Adalberto; FERREIRA, José Francisco de Carvalho. Artigo. **Amapá (Brasil) e Guiana Francesa (França): definindo o corredor transfronteiriço**. DOI: 10.18468/ Pracs. 2016, v-9, n.3, P. 73-97. Disponível em: <https://docplayer.com.br/44749637-Amapá-brasil-e-guiana-francesa-frança-definindo-o-corredor-transfronteiriço-1.html>. Acesso em: 20 jan. 2019.

SZTUTMAN, Márcio. Levantamento Sócio Ambiental dos Povos Indígenas de Oiapoque. Macapá-Nov, 2001.

VIDAL, Lux. Povos Indígenas do Baixo Oiapoque - o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver. São Paulo/Rio de Janeiro: Iepé/Museu do Índio, 2007.

VIDAL, LUX. Galibi Marworno: cotidiano e vida ritual. In: VIDAL, Lux; LEVINHO, José; GRUPIONI, Luís. **A presença do Invisível: vida cotidiana e ritual entre os povos indígenas do Oiapoque**. Iepé- Museu do Índio- FUNAI, Rio de Janeiro, 2016.